

O "azar" das diretas

AMARAL NETTO

Se é verdade que a eleição direta empresta autoridade, estabilidade e legitimidade ao poder, teríamos de considerar o povo brasileiro extremamente azarado.

Na Alemanha e na França foram pronunciamentos populares diretos que entregaram o Governo a Hitler e a Napoleão III. E por mais diretas e livres que tenham sido essas eleições, não impediram que ambos se transformassem em ditadores e tiranos.

Hoje, em toda a Europa, só a França — e a partir de 62 — elege seu presidente por eleição direta.

Na Inglaterra, a senhora Margareth Thatcher e seu Partido Conservador, exercem o poder, apesar de terem obtido nas urnas pouco mais de 40% dos votos. E a oposição, é oposição — Trabalhistas e Liberais — com 60% dos votos válidos. E ninguém reclama e nem contesta a legitimidade do governo.

Nos Estados Unidos onde vigora também o sistema de colégio eleitoral, dois presidentes já se empossaram conquistando menor número de votos populares do que seus adversários. E, lá, também, ninguém protesta ou protestou.

Na Rússia, em Cuba, na Nicarágua e em todos os países do bloco socialista, não se usa colégio eleitoral nem muito menos eleição direta. E uma boa parcela da oposição daqui, que se esgueira pelo voto direto, considera esses regimes muito bons...

Enquanto isto, os Ulysses rompem os nossos tímpanos para, a força de grito e de repetição, transformar em verdade as maiores mentiras e falsidades de que temos notícia.

"Eleições diretas" passam a ser unguentos e elixíres vendidos por trapaceiros nas feiras do interior, tal como nos tempos da conquista do Oeste norte-americano: servem para tudo e curam todos os males. Calo; espinhela caída; dor de cabeça; nó nas tripas; dor no peito; bicho-de-pé, catapora; sarampo; bobeira e até paralisia.

Inflação? Deixa comigo. Desemprego? É mole. Custo de vida? Fácil, fácil. Dívida externa? O voto direto paga. Segurança? É com ele. Habitação? É votar e morar. Transporte? As urnas vão dar. Educação? Voto direto é escola.

As eleições, diretas ou indiretas, não geram, não criam, nem solucionam coisa nenhuma. Um político trabalhador, capaz e imbuído de espírito democrático será um bom presidente, seja ele produto das diretas ou das indiretas. Um radical e incapaz será um mau presidente independente da forma pela qual seja eleito.

E aqui chegamos às provas do que afirmamos nas primeiras linhas: ou é mentira o que dizem sobre diretas, ou o povo brasileiro é tão azarado quanto aqueles que fazem todas as semanas 12 pontos na loteca.

Vamos tomar um período equivalente a quarenta e poucos anos de República. São, ao todo, dez presidentes, de Arthur Bernardes (1922) a João Goulart (1964).

E o que aconteceu com eles, nove diretos e um indireto?

1º — **Arthur Bernardes** — 1922/26 — Ninguém sabe onde foram parar a legitimidade e estabilidade em meio a quatro anos de estado de sítio, arbítrio, confinamento na Clevelândia e discricionarismo total. Bernardes foi eleito **DIRETAMENTE**.

2º — **Washington Luiz** — 1926/30 — Um suceder de crises de todos os tipos encerradas com a deposição e o exílio de quem fora ungido nas puras águas das diretas.

3º — **Getúlio Vargas** — 1930/1945 — No primeiro período, até 1934, sem diretas ou indiretas. No segundo período, presidente pelas indiretas até 1937. No terceiro

período, de 1937 a 1945, ditador absoluto com os "slogans" "voto não enche barriga" e "não há mais intermediários entre o povo e o governo". Cuspiu nos votos que não teve, porque nunca os disputou, e criou sua própria legitimidade. Derrubado em 1945 pelos militares e pelos políticos, deixou o governo adorado pelo povo, que não o esqueceria.

Hoje, apesar de um governo sem votos, de Congresso fechado e de ditadura aberta, é venerado pela oposição dos moderados aos radicais, como o grande presidente do trabalho e do nacionalismo.

Sem unguentos nem elixíres — diretos.

4º — **Eurico Dutra** — 1945/1950 — Ministro da Guerra de Getúlio, feito candidato pelo partido (PSD) que abrigava praticamente o Estado-Maior de Vargas, foi sagrado presidente pela máquina que levou o povo a nele votar sem sequer conhecê-lo. Entre os dez presidentes o primeiro que escapou do "azar".

5º — **Getúlio Vargas** — 1950/1954 — Aquele que durante quinze anos governou o País sem as bênçãos do voto direto, consagrou-se nas urnas por um pequeno partido, justamente porque fora um ditador excepcionalmente popular. Já agora com o elixir da legitimidade e da estabilidade, não escapou do "azar": interrompeu seu mandato direto com um tiro desfechado no próprio coração.

6º e 7º — **Carlos Luz** — 1955 — Diretamente eleito, terceiro na escala da sucessão de Vargas, como Presidente da Câmara dos Deputados, assumiu o governo durante licença do segundo, o vice Café Filho. Foi deposto. Café Filho que vinha exercendo a presidência e que fora diretamente eleito pelo povo, teve sua casa cercada pelos tanques e também foi deposto. Mais duas vítimas do "azar" do elixir.

8º — Diretamente eleito, **Juscelino Kubitschek** (1956/61), só conseguiu tomar posse garantido pelas armas e pelo estado de sítio.

Assumiu sob as maiores restrições e enfrentou crises de toda ordem. Livrou-se do "azar" das diretas e completou seu mandato. Foi o segundo e último entre dez.

9º — **Jânio Quadros** — 1961 — O "azar" atingiu Jânio Quadros sete meses depois da posse. E JK que, com toda a legitimidade das diretas não conseguiu fazer seu sucessor, nem dentro nem fora da Convenção, amargou a vitória de Jânio cuja bandeira Anticorrupção era contra ele dirigida.

Vítima do unguento das diretas, o povo que dera a Jânio a maior votação majoritária do País, marchava a passos largos para a mais avassaladora crise, gerada no ventre da demagogia que hoje se repete.

10º — **João Goulart** — (1961/1964) — Eleito diretamente, coroado pelas urnas da estabilidade e da legitimidade, e, em benefício do qual, mudou-se duas vezes o regime, foi deposto e exilado em menos de dois anos.

Em 42 anos — 1922/1964 — foram dez mandatos dos quais um indireto e ditatorial e nove diretos. Deste, os do elixir somente dois escaparam.

Sete — cerca de 80% — dos ungidos com o unguento milagroso oferecido ao povo pelas oposições de hoje, foram depostos, se sulcaram ou renunciaram. E Bernardes foi um ditador "constitucional".

Se é verdade o que dizem das eleições diretas, elas dão um azar dos diabos quando aplicadas no Brasil. "Azar" que, agora, se confirma com as eleições de Montoro e Brizola. O que foi "azar" demais para paulistas e cariocas.